

Maciel tenta conter rebelião

CARLOS CHAGAS

O chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, reconheceu ontem, falando a O Estado e ao Jornal da Tarde, que o PFL pode até ter motivos para se desligar do governo. Seria mais cômodo e proveitoso para o partido atuar sem os ônus e os encargos gerados pela crise econômica, com raízes políticas. Essa atitude, porém, porta em risco a estabilidade do regime e a sorte da Nova República, na qual o PFL representa um papel de equilíbrio.

Nos últimos dois dias, os principais dirigentes liberais reuniram-se longamente. Maciel conversou por mais de duas horas com Aureliano Chaves e Jorge Konder Bornhausen, na noite de anteontem. Manteve demorado diálogo com o líder Carlos Chiarelli e entendeu-se várias vezes, por telefone, com Antônio Carlos

Magalhães. Também ouviu Abreu Sodré. Eles examinam a conjuntura, sentem a rebelião em suas bases, mas, no que depender do esforço de cada um, sustentarão a permanência do PFL no governo. Não se trata de ter ou não ter tantos lugares no Ministério, muito menos de disputar com o PMDB quem ocupa maiores espaços de poder. O importante é verificar que o desligamento levaria o processo democrático a um beco sem saída.

Razões partidárias devem ceder lugar a razões de Estado, disse Maciel. Na hipótese de rompimento do PFL com o governo, este ficaria à mercê do PMDB, quase seu prisioneiro. E quem garante que o PMDB, num caso desses, não se disporia até mesmo a convocar eleições presidenciais imediatas, julgando-se em condições de atropelar o processo

delicado de transição democrática? Seria um salto no escuro, propício a radicalismos e a aventuras.

Pensando mais no País do que na legenda, é o raciocínio do chefe do Gabinete Civil, importa ao PFL permanecer firme no apoio ao governo, mesmo correndo o risco de se prejudicar. Afinal, desligada, a legenda poderia crescer através de uma campanha nacional dirigida por um candidato próprio à Presidência da República. Até agora, é dos liberais que o presidente recebe respaldo uniforme e permanente. O PMDB parece aproximar-se dele nos momentos em que as coisas vão dando certo e afastar-se quando surgem as dificuldades.

A crise, para Maciel, é mais política do que econômica, tornando-se necessários todos os esforços para manter e até ampliar a base de sustentação parlamentar do governo.